



O CONCEITO DE CULTURA NA AULA DE HISTÓRIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930)

Maria Beatriz de Almeida Mello*
Marisa Noda**

Introdução

Este texto tem como objetivo apresentar a experiência desenvolvida no estágio supervisionado, realizado no Colégio Estadual Imaculada Conceição – Ensino Fundamental, situado no município de Jacarezinho, estado do Paraná, durante o ano de 2018. A referida regência foi desenvolvida na disciplina de Prática de Ensino de História I, do curso de História, e aplicada na turma do 9º ano C do colégio já mencionado.

O tema trabalhado na regência que aqui será apresentada foi: “Cultura na Primeira República¹ (1889-1930) e Semana de Arte Moderna de 1922”. O tema foi determinado pela professora titular de acordo com a programação e o plano de ensino da turma. Antes que a regência fosse aplicada, foram realizados dois meses de observação da turma no colégio, para que o conhecimento prévio dos alunos pudesse

* Graduada em História. mariabeatrizalmeidamello@gmail.com

** Docente em Universidade Estadual do Norte do Paraná. mnoda@uenp.edu.br

¹ Neste texto será utilizado o termo Primeira República para denominar o período de 1889-1930 da história política do Brasil, seguindo a denominação utilizada por Schwarcz (2016) e pelo livro didático utilizado pela professora da turma que o estágio foi realizado.

ser detectado e dessa forma, a aula fosse planejada para que melhor atendesse aos conhecimentos e habilidade dos estudantes.

O objetivo principal da regência foi trabalhar o conceito de cultura com os alunos, partindo do pressuposto apresentado por Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008) de que para aprender história não basta apenas apresentar fatos no espaço e no tempo, ligados a documentos que os comprovem. Se faz necessário explicar e interpretar esses fatos a partir de noções e conceitos que os organizam e o ajudam a compreendê-los. Dessa forma,

[...] tal qual os outros, o conhecimento histórico passa pela mediação de conceitos. Para o historiador Marrou conhecer – no caso, conhecer historicamente – é substituir um dado bruto *‘por um sistema de conceitos elaborados pelo espírito’*. Dessa forma, torna-se inviável o ensino de história sem o domínio conceitual. (BITTENCOURT: 2008, p. 183)

Isto posto, foi discutido com os alunos o conceito de cultura e apresentado as diferentes manifestações culturais delimitadas no período denominado Primeira República no Brasil (1889-1930): a Semana de Arte Moderna de 1922, os primeiros registros em faixas musicais de sambas, o desenvolvimento de gêneros literários como a literatura de cordel, os romances-folhetim e as revistas. Ao final da aula, foi proposta uma atividade com os alunos com algumas questões que envolviam a análise de documentos.

Desenvolvimento

Tradicionalmente, o estágio sempre foi concebido como a parte prática dos cursos de formação docente. Entretanto, como demonstra Selma Garrido Pimenta (2004) o estágio deve ser visto como uma atividade teórica instrumentalizadora da práxis. Essa visão implica na formação de um professor que além de seu caráter funcional, se caracteriza por ser um profissional pensante, em constante reflexão sobre a função social e coletiva de sua profissão (PIMENTA, 2004).

O estágio é importante porque possibilita que seja estabelecida uma relação entre os saberes teóricos e os saberes da prática, além de fornecer ao aluno em formação aspectos reais da profissão docente, possibilitando um aprimoramento de sua escolha e uma formação mais plena, ao ter contato com situações reais da profissão docente

ainda em formação. Além disso, ao formar um profissional docente que seja reflexivo sobre sua função social enquanto educador possibilita que ele seja preparado para o magistério de forma coletiva, de modo a perceber que ensino não é assunto individual, e sim resultado do contexto histórico, social e cultural sob o qual está inserido (PIMENTA, 2004).

O local em que o estágio foi desenvolvido, o Colégio Estadual Imaculada Conceição, é caracterizado por ser uma tradicional escola do município de Jacarezinho, tendo sido fundado em 1930 pelas Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paula da Província do Rio de Janeiro e até o presente momento tem como diretora uma freira, pertencente a irmandade fundadora da escola. A comunidade escolar atendida pelo colégio abrange o centro da cidade de Jacarezinho e alguns bairros próximos. Os pais dos alunos que frequentam a escola possuem uma renda de 1 até 3 salários mínimos, sendo predominantemente trabalhadores do comércio, do setor de prestação de serviços, profissionais liberais e funcionários públicos (PARANÁ, 2012).

O estágio começou a ser desenvolvido na instituição a partir de março de 2018, sendo realizadas diversas observações (no mês referido, abril e maio) nas turmas para compreender aspectos da cultura escolar e da aprendizagem dos alunos. Além das observações na turma em que a regência foi aplicada, também foram observadas turmas de 7º ano. Num geral, os alunos possuíam bom comportamento, realizando as atividades propostas pela professora. Esta, por sua vez, buscava sempre realizar uma aula expositiva do conteúdo e após, desenvolver atividades com os estudantes para que estes pudessem refletir sobre o conteúdo estudado. As atividades por vezes eram questões elaboradas pela professora e outras vezes perguntas retiradas do livro didático (Projeto Araribá História, da Editora Moderna). Ele constituía uma importante ferramenta para a professora na sala de aula, entretanto, foram várias as vezes em que ela se utilizou de outros recursos didáticos para sua aula, como vídeos e textos.

O tema da regência “Cultura e Semana de Arte Moderna de 1922” foi indicado pela professora, e a aula foi ministrada após ela trabalhar com a turma do 9º ano o período da Primeira República (1889-1930). Os aspectos estudados pelos alunos foram: a passagem do Império para República, a organização política do período, a política dos Governadores, as principais revoltas, a inserção de imigrantes europeus na sociedade brasileira, os movimentos e as greves operárias. Sendo assim, a regência aqui

apresentada ficou responsável por trabalhar com os alunos os aspectos culturais do período.

A turma em que a regência foi realizada possuía 32 alunos e se caracterizava por ser uma turma calma e disciplinada. Os estudantes apresentavam um comportamento adolescente ao se relacionar com os colegas e um comportamento passivo em relação a aula. Ficavam boa parte do tempo no celular e alguns até mesmo ouviam música com fone de ouvido, fazendo com que a professora tivesse que pedir que o aluno desligasse o celular. Na maioria das vezes assistiam as explicações em silêncio e participavam das atividades que eram propostas. Entretanto, não tinham o costume de participar de debates enquanto assistiam as aulas expositivas, levantando poucos questionamentos e contribuindo de maneira discreta à aula.

Ao iniciar a aula, foi realizado em conjunto com os alunos uma breve retomada do contexto histórico da Primeira República, com o intuito de realizar uma reflexão sobre o período de intensas mudanças por qual o país havia passado e que esse fator foi determinante no âmbito das transformações culturais.

Como explica Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008), para Vygotsky (1896-1934), os alunos já possuem um conhecimento sobre diversos assuntos, o qual ele denomina de conhecimento *espontâneo* e o conhecimento a ser oferecido na escola ele chama de *científico*. Para o estudioso, em uma situação de escolarização, o conhecimento *espontâneo* não é simplesmente substituído pelo *científico*: são realizadas modificações nos esquemas intelectuais anteriormente adquiridos (BITTENCOURT, 2008).

Partindo deste princípio, foi questionado aos estudantes o que eles pensavam ou como eles poderiam definir cultura, incentivando um debate dentro da sala de aula, visando uma maior interação com o tema a ser estudado. As respostas foram no sentido de reconhecer comidas e estilos musicais como fatores indicativos de cultura. Ainda no debate em sala foi levantada a questão sobre o estilo musical *funk*² ser cultura ou não (encarando cultura como um adjetivo, como se uma coisa fosse dotada ou não de cultura). Alguns alunos defenderam que o funk era um estilo musical digno de ser reconhecido como cultura e outros disseram que não.

² O funk é um estilo musical que surgiu nos EUA durante a década de 1960, sendo inicialmente uma mistura de diversos estilos musicais afro americanos. O estilo musical se difundiu nas favelas do Rio de Janeiro a partir dos anos de 1970 e atualmente existem diversas correntes e estilos diferentes dentro do funk.

Aproveitando a brecha da discussão e a clara demonstração do conhecimento *espontâneo* dos alunos, foi apresentado a eles o conceito de cultura. Importante ressaltar a necessidade de colocar em pauta o conhecimento prévio dos alunos para apreensão de um novo conceito. Como explica Circe Maria Fernandes Bittencourt (2008),

O importante, na aprendizagem conceitual, é que sejam estabelecidas as relações entre o que o aluno já sabe e o que é proposto externamente – no caso, por interferência pedagógica –, de maneira que se evitem formas arbitrárias e apresentação de conceitos sem significados, os quais acabam sendo mecanicamente repetidos pelos alunos, confundindo-se domínio conceitual com definição de palavras. (BITTENCOURT: 2008, p. 189-190).

O conceito de cultura apresentado e discutido com os alunos foi retirado do livro *Dicionário dos Conceitos Históricos* de autoria de Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva (2009). Segundo os autores, a cultura é um objeto de pesquisa de diversas ciências. Eles apresentam uma discussão acerca do tema ao longo da história e as diferentes contribuições destas discussões. Os autores chamam atenção para o fato de que exatamente por causa do conceito de cultura possuir diferentes significados, muitas vezes pode apresentar até contradições. A definição mais simples de cultura diz que:

[...] cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto, ou no plano imaterial, desde artefatos, objetos até ideias e crenças. Além disso, é todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. (SILVA; SILVA: 2009, p. 85)

Ainda sobre o conceito de cultura, os autores apresentam a contribuição de Franz Boas (1858-1942) para a crítica à ideia de uma cultura ser superior a outra. O pensamento de que havia uma hierarquia entre culturas era predominante até início do século XX, e Boas foi responsável por afirmar que cada cultura possui seu desenvolvimento próprio e suas características e, dessa forma, não podem ser julgadas a partir da história de outras culturas (SILVA; SILVA, 2009).

Dentro das múltiplas definições de cultura, os autores trazem também aquela que a define como produção artística e intelectual. Dessa forma, dependendo da produção intelectual de determinado grupo social, é possível falar sobre cultura de massas, cultura popular e erudita (SILVA; SILVA, 2009).

Ao ser levantada a reflexão sobre o que os alunos achavam ser cultura, que levou a discussão oportuna sobre o *funk* ser cultura ou não, foi possível estabelecer a relação apontada por Bittencourt (2008) entre o que o aluno já sabia e o novo conceito a ser apreendido por ele. Dessa forma, após apresentado o conceito de cultura, o diálogo desenvolvido com os alunos sobre ele foi no sentido de questionar se eles achavam que existia uma cultura que fosse superior a outra. As respostas foram negativas. Assim sendo, foi explicado que partindo desta ideia, o *funk* deveria ser considerado um estilo musical que expressa e indica a cultura de determinada parcela da sociedade brasileira.

Visto que o tema da aula era as manifestações culturais na Primeira República, em seguida à discussão do conceito de cultura foi apresentado aos alunos informações sobre a Semana de Arte Moderna de 1922. A semana propriamente dita ocorreu entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922 no Theatro Municipal de São Paulo. Foi explicado aos alunos que o evento pode ser visto como uma ruptura no cenário artístico brasileiro e que aconteceu devido as insatisfações e decepções por parte da intelectualidade nacional, que acreditou que com o advento da República, o Brasil se modernizaria, fato que não ocorreu tal qual como eles esperavam (SCHWARCZ, 2016).

A Semana de Arte Moderna tinha como objetivo criticar e questionar concepções tradicionais de cultura, buscando inovar o ambiente artístico e cultural do período, com influências de movimentos artísticos europeus como cubismo, futurismo e expressionismo, contextualizando-os com o cenário brasileiro e rompendo com os padrões artísticos vigentes ligados a cultura bacharlesca. Foi exposto aos alunos o nome dos principais artistas vinculados a este movimento, sendo eles: Mario de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), Di Cavalcanti (1897-1976), Anita Malfatti (1889-1964), Heitor Villa-Lobos (1887-1959), Graça Aranha (1868-1931) e Victor Becheret (1894-1955) (SCHWARCZ, 2016).

Durante a regência, foi chamada atenção dos alunos para algumas características da Semana de Arte Moderna de 1922 (intelectuais ligados à burguesia cafeeira paulista, influências de vanguardas europeias, realização do evento no Theatro de São Paulo) que indicam um movimento ligado ao que se é chamado de cultura erudita, mesmo que o movimento buscasse quebrar esses padrões.

Como contraponto a Semana de Arte Moderna de 1922, a regência buscou mostrar aos alunos um outro aspecto cultural da Primeira República, que indica para um tipo diferente de cultura, chamada de *popular*. Neste sentido, foi apresentado aos alunos a história do surgimento do samba tal qual seu formato atual. O samba originou-se dos batuques trazidos pelos africanos que vieram como escravos para o Brasil. Num geral, estes batuques estavam ligados a elementos religiosos que estabelecia entre os negros uma ligação com a religião, música e dança. Este samba de roda determinou a essência do samba tipicamente carioca, que em sua origem era realizado em rodas, com versos e refrãos cantados em grupo, evidenciando seu caráter coletivo. Na virada do século XIX para o XX, o samba foi se afirmando como gênero musical popular nos subúrbios, e após, nos morros cariocas (SCHWARCZ, 2016).

O cenário de criação dos primeiros sambas brasileiros foi a casa da Tia Ciata (1854-1924). As tias eram baianas mais velhas que exerciam forte influência e liderança na comunidade. Tia Ciata foi uma baiana muito conhecida naquele contexto. Ela organizava rodas de samba em sua casa, e estavam presentes as mais diversas pessoas de diferentes camadas sociais: compositores, malandros, jornalistas, intelectuais, artistas e publicistas. O primeiro samba gravado, denominado *Pelo Telefone*, de autoria de Donga (1890-1974), foi primeiramente cantado nas rodas de samba da casa da Tia Ciata (SCHWARCZ, 2016).

Em seguida, foi discutido com os alunos um episódio ocorrido durante as primeiras décadas do século XX que colocou em evidência o embate que existia entre as manifestações culturais de caráter popular e como a elite carioca as encarava. O episódio é conhecido como Escândalo no Catete, e envolveu a primeira dama do país, Dona Nair de Teffé (1886-1981), a compositora carioca Chiquinha Gonzaga (1847-1935) e o senador Rui Barbosa (1849-1923) no final do mandato do Presidente Hermes da Fonseca (1855-1923). Em uma reunião organizada no Palácio do Catete, o tango de Chiquinha Gonzaga intitulado “Gaúcho”, popularmente conhecido como “Cortajaca”, foi executado pela primeira dama, ao violão, em fina “soirée” no Palácio do Governo a que compareceram representantes do corpo diplomático e a elite carioca. Era a primeira vez que esse tipo de música penetrava nos salões da elite, fazendo com que o fato seja considerado a alforria da música popular brasileira. Sobre o episódio,

Rui Barbosa, que era adversário político de Hermes da Fonseca, fez uma declaração no senado:

Uma das folhas de ontem estampou em fac-símile o programa da recepção presidencial em que, diante do corpo diplomático, da mais fina sociedade do Rio de Janeiro, aqueles que deviam dar ao país o exemplo das maneiras mais distintas e dos costumes mais reservados elevaram o corta-jaca à altura de uma instituição social. Mas o corta-jaca de que eu ouvira falar há muito tempo, que vem a ser ele, Sr. Presidente? A mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea do batuque, do cateretê e do samba. Mas nas recepções presidenciais o corta-jaca é executado com todas as honras de música de Wagner, e não se quer que a consciência deste país se revolte, que as nossas faces se enrubescam e que a mocidade se ria! (Diário do Congresso Nacional, 8/11/1914, p. 2789. Refere-se à 147ª sessão do Senado Federal, em 7 de novembro de 1914.)

Em relação ao episódio, foi comentado com os alunos sobre o embate que havia entre cultura popular, que advinha das camadas mais pobres da população e a cultura dita erudita, comum às camadas sociais mais altas. Para refletir em relação ao episódio, foi lembrada a contribuição de Franz Boas que criticava a ideia de hierarquia entre culturas, que era predominante naquele momento. Também foi discutido o que o episódio poderia representar sobre a sociedade brasileira. Alguns pontos foram ressaltados como por exemplo: a existência de uma diferenciação entre uma classe e outra e menosprezo entre elas, no sentido de que o que advinha das classes mais baixas era considerado como inapropriado, indecente e errado.

Por fim, foi apresentado aos alunos outros aspectos culturais da Primeira República, principalmente no que diz respeito a literatura. Foi dito aos alunos que apesar do fato de que 80% da população brasileira era analfabeta durante o momento estudado, foi naquele período que alguns gêneros literários se desenvolveram, como por exemplo: o romance-folhetim, que eram histórias publicadas por capítulos nos jornais semanalmente como novelas, e que posteriormente se tornaram livros; revistas, de diversos assuntos, com muitas imagens, direcionadas a públicos determinados; e a literatura de cordel, que eram poesias populares organizadas em folhetos, que abordava diferentes temas, desde histórias de amor até sociedade e política (SALIBA, 2012).

Foi apresentado também aos alunos o principal cordelista da época, Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Ele publicou em torno de 1000 folhetos. Nasceu na Paraíba, e tornou-se um editor pioneiro na publicação dos folhetos, que depois ficaram

conhecidos como cordéis pela forma com que eram expostos para venda (pendurados em cordas, cordéis ou barbantes). O autor ficou conhecido por viajar pelo sertão para divulgar e vender seus poemas, se tornando um dos maiores cordelistas brasileiros (BARROS, 2018).

Ao final da aula, foi proposto que os alunos realizassem uma atividade de forma individual, em que eles deveriam responder a algumas questões sobre o tema e o que já havia sido discutido em sala. A primeira questão pedia que os alunos definissem cultura e dessem um exemplo de alguma manifestação cultural. A segunda atividade apresentava um verso escrito por Leandro Gomes de Barros em que falava sobre o contexto de repressão e violência da Primeira República, e pedia para que os alunos analisassem aqueles versos, indicando qual era a crítica existente e evidenciada pelo autor. A terceira questão dizia respeito ao episódio do Escândalo no Catete, e continha a declaração de Rui Barbosa sobre o que ele pensava a respeito do samba. Foi proposto que em relação a isto os alunos respondessem três questões: a primeira pedia que os alunos descrevessem como Rui Barbosa definia a música “Corta-jaca”; a segunda, pedia para os alunos explicarem como uma parcela da sociedade carioca brasileira enxergava o samba e a terceira pedia para explicarem de que modo a visão de Rui Barbosa estava ligada aos ideais que a Semana de Arte Moderna de 1922 buscava romper.

Como o tema da aula estava ligado ao plano de ensino da turma, as atividades ficaram com a professora titular da sala para que ela corrigisse. Após, a atividade foi devolvida aos alunos, de modo que eles pudessem utilizar para estudarem para a avaliação habitualmente aplicada pela professora. Em razão disso, não foi possível analisar as respostas dos alunos às questões.

Conclusão

O desenvolvimento do plano de aula e a aplicação da regência em si demonstram como o processo de “teoria” e “prática” estão ligados entre si, constituindo o que Selma Garrido Pimenta (2004) denominou como atividade teórica instrumentalizadora da práxis. Além disso, ao se trabalhar com conceitos na aula de História, não se deve esquecer que para que o aluno realmente aprenda o que é proposto, deve se levar em consideração as estruturas de conhecimento já adquirida

por ele, estabelecendo uma relação entre o que ele já sabe e o que é proposto através da aula (BITTENCOURT, 2008).

Buscou-se nesta regência apresentar o conceito de cultura para os alunos e desenvolver uma análise histórica das manifestações artísticas da Primeira República. A partir da premissa de que cultura é tudo aquilo feito pelo homem (SILVA; SILVA, 2009), foi possível analisar diferentes aspectos da sociedade brasileira no período em questão. Por sua vez, estes diferentes aspectos demonstraram diferentes tipos de cultura – popular e erudita, por exemplo -, e o estudo de cada uma delas foi norteadas pela concepção de que nenhuma cultura é superior a outra.

Muitas outras questões poderiam ter sido debatidas, porém, nesta regência procurou-se investigar com os alunos os diferentes tipos de manifestações culturais desenvolvidos durante a Primeira República de modo que eles pudessem ter uma visão mais ampla do fenômeno cultural republicano, dentro do possível.

Referências

- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- “**Corta-jaca**” no **Catete**: centenário da alforria da música popular brasileira”. 2014. ChiquinhaGonzaga.com. Disponível em: <<http://chiquinhagonzaga.com/wp/corta-jaca-no-catete-centenario-da-alforria-da-musica-popular-brasileira/>>. Acesso em 15 de maio de 2018.
- BARROS, Leandro Gomes de Barros. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5873/leandro-gomes-de-barros>>. Acesso em: 15 de Mai. 2018. Verbete da Enciclopédia.
- PARANÁ, Secretária do Estado da Educação do. Projeto **Político Pedagógico**: proposta pedagógica curricular – Escola Estadual Imaculada Conceição – EF, 2012.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio**: diferentes concepções. IN: Estágio e Docência. São Paulo: Cortez, 2004, p. 33-57.
- SALIBA, Elias Thomé. Cultura/ as apostas na República. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História do Brasil Nação: 1808-2010**. Rio de Janeiro/ Madri: Mapfre/ Objetiva, 2012, v. 3, A Abertura para o mundo 1889-1930 p. 238-249.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. A Primeira República e o povo nas ruas. In: Lilia M. Schwarcz; Heloisa M. Starling. **Brasil: Uma biografia**. São Paulo: Cia das Letras, 2016, p. 318-350.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Editora Contexto, 2009. 2ª ed.